

Parasita

Direção: Bong Joon-ho. Barunson, 2019. (Coreia do Sul)

Parasite

Direction: Bong Joon-ho. Barunson, 2019. (Korea)

Parásitos

Dirección: Bong Joon-ho. Barunson, 2019. (Corea del Sur)

Patrícia Maria MARTINS¹

Paula Serafim DARÉ¹

¹São Paulo/SP, Brasil.

Introdução

O parasitismo caracteriza-se por uma relação de dependência, na qual um organismo alimenta-se de um hospedeiro e acaba por comprometê-lo ou exterminá-lo (Ferreira, 2004). No filme sul-coreano “Parasita”, que estreou em novembro do ano passado no Brasil, a palavra tem um sentido metafórico e indica uma situação na qual uma pessoa se utiliza de algo ou de alguém para proveito próprio. O roteiro conta como as diferenças sociais cindem a sociedade em extremos, patologizando-a.

“Parasita” narra a história de duas famílias de diferentes classes sociais, que passam a se relacionar como empregados e empregadores. Os Kim, família pobre que sobrevive em uma espécie de porão e que dá mostras de não acreditar no trabalho honesto como forma de ascensão social, vão se infiltrando de modo ilícito entre os Park, família abastada que parece sofrer de uma certa alienação. Tudo começa quando Kim-Ki-woo é indicado para substituir um amigo, como professor particular da filha do casal milionário, Park Da-hye.

Trata-se de um filme que reverbera por horas, por dias, e que não se deixa esquecer. Não por menos, entre outras premiações, recebeu a “Palma de Ouro” do Festival de Cannes e foi indicado em seis categorias do Oscar

Recebido: 30 jan 2020; 1ª revisão: 3 fev 2020; Aprovado: 4 fev 2020; Aprovado para publicação: 6 fev 2020



Conflito de interesses:

As autoras declaram não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

2020, entre elas a de melhor filme e a de melhor filme internacional. "Parasita" pode se tornar "um dos dez filmes de língua estrangeira de maior bilheteria da história dos EUA", lembrando que a legenda ainda é um obstáculo para os filmes estrangeiros alcançarem bilheterias expressivas naquele país (Lima, 2020).

O filme tem uma trajetória muito peculiar: parte dele apresenta tons de comédia, mas, em uma grande reviravolta, ele toma um rumo totalmente inesperado. Nas palavras de Bong Joon-ho: "uma comédia sem palhaços, uma tragédia sem vilões" (Colidge Corner, 2019).

"Parasita" apresenta mundos opostos. Da janela do porão dos Kim, sente-se o cheiro fétido do lugar e de um homem que insiste em urinar na calçada, percebe-se a luz fraca da rua e o barulho das brigas na vizinhança. Já a família Park vê um enorme gramado e um belíssimo jardim através das janelas e portas de vidro de sua ampla sala, decorada com a assinatura de um grande arquiteto, o ex-proprietário da residência. Em um dos diálogos, uma das personagens conta que ele planejou a casa, "pensando em transformar a parede da sala em uma espécie de tela ou moldura para a paisagem lá fora", tamanha a beleza. A casa dos Park e o porão dos Kim tornam-se personagens através de suas janelas, como se elas fossem os olhos de uma sociedade que vislumbra realidades diversas. Cada lugar vê um mundo diferente lá fora. Particularmente, em relação à casa dos Park, é interessante notar como se dá importância aos deslocamentos das personagens pelos seus inúmeros cômodos – parece que os espaços têm vida e fazem parte da narrativa.

O filme mostra exatamente a dificuldade de mundos tão distintos coexistirem na mesma casa, dentro da velha e conhecida relação entre patrões e empregados, relação esta íntima e delicada, na qual famílias convivem com o duro choque de realidades discrepantes. A porta de uma geladeira farta é aberta várias vezes para mostrar a distância das realidades vividas.

As discrepâncias sociais são grandes, por vezes abissais, mas não nos distanciam de nossos desejos comuns. Em uma cena comovente, Kim Ki-woo pergunta para Park Da-hye, se ele combinava com o mundo dela, tentando entender se ele poderia "se encaixar" naquele cenário de riqueza, beleza e múltiplas possibilidades, tendo como ponto de partida sua condição precária, fétida e o destino de dobrar caixas de pizza para sobreviver. O sonho e o desejo de poder usufruir daquilo que está tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

Com a crise econômica mundial e os desdobramentos trazidos pela globalização e pelos avanços tecnológicos, é avassalador o número de pessoas que foram marginalizadas e empurradas ao precipício, em razão de diferentes fatores como o desemprego, as condições precárias advindas da *uberização* das relações de trabalho e a gentrificação. Parece que este precipício fica cada vez mais aterrorizante e as diferenças cada vez maiores.

Boong Joon-hoo toca nessa ferida com maestria e sensibilidade. Em um texto sobre o filme, o diretor levanta uma questão bastante pertinente:

No meio de um mundo assim, quem pode apontar o dedo para uma família em dificuldades, travada em uma luta pela sobrevivência, e chamá-los de parasitas?

Não é que eles fossem parasitas desde o início. São nossos vizinhos, amigos e colegas, que foram simplesmente empurrados para a beira de um precipício (Colidge Corner, 2019).

Além do conflito entre classes sociais, outro ponto importante retratado por “Parasita” é o tema da moradia, trazendo à baila os problemas relacionados à ocupação dos espaços urbanos e à falta de saneamento que afetam a população de baixa renda nas periferias dos grandes centros. *Anima Mundi in extremis*. Uma sequência do filme mostra a tempestade que assola a cidade e a água suja que invade as ruas e becos mal cheirosos, alagando o porão dos Kim.

Na casa dos Park também existe um porão que, segundo a governanta da casa, foi mantido em segredo pelo arquiteto que construiu e vendeu a residência para a rica família. O porão serviria de abrigo, um *bunker*, em caso de conflitos políticos ou guerras.

Pode-se entender a casa e os porões da trama como instâncias psíquicas. A casa de alto padrão da família Park parece representar uma consciência higienizada, que prefere evitar assuntos difíceis como a demissão de um motorista e a suposta doença da governanta. O bom gosto aqui ganha contornos de alienação com o bom design, o belo, levando à “mediocridade da adaptação normal, em vez de, às profundezas da alma” (Hillman & Ventura, 1992, p. 127). O porão da família Kim, por sua vez, representa aqueles conteúdos relegados à sombra, que usam de meios, sintomas, para penetrar na consciência.

A casa e os porões são retratos de uma psique coletiva que, cindida, não consegue encontrar saídas criativas e atua por meio de sintomas. Ao descobrir que a antiga governanta escondia seu marido no porão da mansão dos Park, a família Kim reage com violência em uma sequência cênica de grande confronto com a própria sombra parasita.

É muito curioso perceber o caminho que o filme percorre e o quanto essas instâncias psíquicas se mesclam e conduzem ao seu fim trágico. Sem o conhecimento dos Park, a sombra está fazendo morada no porão da casa. Existem corredores e porões nas duas casas que de formas diferentes são negados pelas duas famílias. A psique precisa da profundidade, do submundo, do reino das trevas. Podemos pensar que a consciência rasa, virginal e ingênua seja característica de todas as personagens, com exceção talvez de Park Da-song, o filho caçula da família Park.

Por ser muito ativo e aparentemente ter visto “fantasmas”, Park Da-song foge dos padrões de perfeição da família. Os Park tentam dar uma aura de

genialidade a essa situação, mas ele, o paciente identificado, o bode expiatório, é quem denuncia que algo está acontecendo e está se manifestando por meio dos cheiros que a família Kim exala – os odores fétidos que apodrecem no limbo dos esquecidos. “O fenômeno que vem com o cheiro, vem do mundo das trevas, chamado por uma imensa acuidade psíquica para discernir sua natureza” (Hillman, 2013, p. 264).

De certa maneira, podemos pensar que, por causa dessa consciência virginal, da recusa em ver a sombra do mundo, a família Park ofereça-se como o hospedeiro “ideal” da família Kim – pelo excesso de assepsia emocional, eles chegam à beira da ingenuidade. Os parasitas Kim são convidados a entrar pela porta da frente e logo percebem a oportunidade de se alojarem gradualmente no corpo do hospedeiro, mas de certa forma são assombrados, sofrem de um deslumbamento, e pagam muito caro por essa escolha. A governanta também ciente dessa suposta ingenuidade da família Park encontra no porão uma maneira de sobrevivência para ela e o marido.

Em várias situações, o Sr. Park fala sobre a necessidade de um funcionário não passar de seus limites, no sentido de invadir a intimidade dos patrões, mantendo a ordem estabelecida e, simbolicamente, mantendo a sombra em seus porões. Por duas vezes, o Sr. Kim ultrapassa esses limites, perguntando ao Sr. Park se ele ama sua esposa. Aqui, o Sr. Kim, o motorista (aquele que conduz), é colocado devidamente em seu lugar. O equívoco não está em preservar a intimidade, mas em não se deixar penetrar pela pergunta.

A falta de contato ou a recusa em olhar nossos porões é o caminho para o adoecimento psíquico e social.

Referências

- Colidge Corner. (2019). Q&A with *Parasite* director Bong Joon Ho. Recuperado em 30 de janeiro de 2020, de <https://coolidge.org/about-us/news-media/qa-parasite-director-bong-joon-ho>
- Ferreira, A. B. H. (2004). Parasito. In *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (p. 609). Paraná: Editora Positivo.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Hillman, J., & Ventura M. (1992). *Cem anos de psicoterapia e o mundo cada vez pior*. São Paulo: Summus
- Lima, J. D. (2020). *Por que o público dos EUA é tão resistente a filmes estrangeiros*. Recuperado em 30 de janeiro de 2020, de <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/01/06/Por-que-o-p%C3%BAblico-dos-EUA-%C3%A9-t%C3%A3o-resistente-a-filmes-estrangeiros>

Minicurrículos: Patrícia Maria Martins – Psicóloga, com mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Atendimento em consultório particular adolescentes, adultos. Coordenadora SidewaltTalk – Conversas na Calçada em São Paulo, SP. *E-mail:* patriciamariamartins@hotmail.com

Paula Serafim Daré – Psicóloga Clínica, mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em Cinesilogia pelo Instituto *Sedes Sapientiae*; Analista junguiana pela Associação Junguiana do Brasil (AJB) e *Internacional Association for Analytical Psychology* (IAAP). Editora da revista *Self* – revista do Instituto Junguiano de São Paulo. *E-mail:* pauladare@hotmail.com